

O ATO DE CORTAR E COLAR ARTES PLÁSTICAS EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Dáleth Costa
(Universidade Federal Fluminense - UFF)

RESUMO: José Saramago brinca de “cortar e colar” em *Ensaio sobre a Cegueira*, mas, em vez de papel e tesoura, usa a literatura para dar vida a pinturas icônicas. Van Gogh, Goya e Delacroix entram na narrativa como memórias visuais de um mundo que está desmoronando. No meio do caos e da violência, essas imagens não são apenas referências culturais, mas pequenos respiros de humanidade. O presente ensaio explora como essas obras ajudam a contar a história, dialogando com os personagens e com o leitor. Mais do que ilustrar a cegueira, elas iluminam o que ainda resta de beleza e resistência. Assim, Saramago nos lembra que, mesmo quando tudo parece perdido e apagado, a arte ainda pode nos fazer enxergar.

Palavras-chave: José Saramago; arte na literatura; resistência.

*talvez tenha pensado justamente que uma vez que os cegos não poderiam ver as imagens
também as imagens deveriam deixar de ver os cegos. As imagens
não vêem, Engano teu, as imagens vêem com os olhos que as vêem, só agora
a cegueira é para todos.*
José Saramago

“E se fôssemos cegos?” Este questionamento atravessou a mente de José Saramago enquanto ele almoçava sozinho em um restaurante de Lisboa. Tal pergunta o acompanharia por mais alguns anos, até que ele conquistasse, em 1998, um Prêmio Nobel, sendo o primeiro escritor da comunidade lusófona a realizar tal feito. Uma simples interrogação, “[...] quando justa e precisa, pode ser o ponto de partida para uma sucessão de reflexões atordoantes, pode ser o estopim de um ensaio fundamental ou de uma narrativa perfeita.” (FUKS, 2022, p. 7). Do alumbramento de Saramago, surge a seguinte história: em um Estado não nomeado, ocorre uma epidemia de cegueira que afeta os indivíduos, mas cujo motivo ninguém conhece. Trata-se de uma cegueira que não é trevosa, mas leitosa (SARAMAGO, 2022). O governo, por acreditar se tratar de uma doença contagiosa, isola todos os cegos em uma espécie de manicômio. Entre os internos, destacam-se o médico, a rapariga dos óculos escuros, o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico e a mulher do médico, a única que, inexplicavelmente, ainda enxerga. Neste texto, pretendo analisar o trabalho de citação (COMPAGNON, 1996) que Saramago realiza por meio de obras de arte. Para isso, utilizarei três quadros: Campo de Trigo com Corvos (1890a), de Van Gogh, O Cão (1820), de Goya, e A Liberdade Guiando o Povo (1830), de Delacroix.

Para Cerdeira (2019), *Ensaio sobre a Cegueira* é a dimensão extrema do mal, conforme descrito por Hannah Arendt (apud ASSY, 2001, p. 145). Nesse universo saramaguiano, as personagens estão inseridas no caos. Além da própria cegueira, enfrentam a falta de higiene, alimentação precária e um ambiente extremamente violento, especialmente para as mulheres (SARAMAGO, 2022, p 202). O cenário é devastador: faltam remédios para os feridos, os mortos apodrecem, e o cheiro no local é insuportável. Saramago, por meio desse cenário degradante, explora sentimentos humanos como o medo, a angústia e a vingança. Ele analisa, ainda, o comportamento do indivíduo quando confrontado com a perda da normalidade e do controle social. Sem normalidade, não há notícias; ninguém sabe o que acontece no mundo exterior, fora da loucura do hospício. Entretanto, novos cegos chegam e relatam o que está acontecendo do lado de fora, além de compartilharem suas histórias sobre o momento em que foram acometidos pela cegueira leitosa. Destaca-se, aqui, o relato de um cego anônimo, que menciona estar em um museu quando foi acometido pela cegueira; a imagem de um quadro foi sua última lembrança visual. “[...] O último que eu vi foi um quadro, Um quadro, repetiu o velho da venda preta, e onde estava, Tinha ido ao museu, era uma seara com corvos e ciprestes e um sol que dava a ideia de ter sido feito por um bocado doutros sóis [...]” (SARAMAGO, 2022, p.161).

O cego continua descrevendo outras obras de arte, tal jogo imaginativo desloca os homens de um cotidiano embrutecedor pela força vital da imaginação. Curiosamente, o último lugar onde esteve foi um museu, mas agora esse espaço perdeu o sentido já que não há mais ninguém para olhar (SARAMAGO, 2022). É possível dizer que Saramago está recortando e colando quadros artísticos em seu romance, ele é uma criança com tesoura, papel e cola na mão. Esse ato de recortar e colar “[...] são experiências fundamentais com o papel, das quais a leitura e a escrita não são senão formas derivadas, transitórias, efêmeras” (COMPAGNON, 1996, p.11). O desenraizamento da citação, isto é, tirar o quadro do museu, nem que seja para essa brincadeira de criança de imaginar, segundo Compagnon (1996), abrem olhos cegos, cura momentaneamente a cegueira para uma vida nova (BACHELARD, 2002). Num momento em que a sociedade colapsa, os elementos artísticos mencionados no romance são resquícios de um mundo ordenado e civilizado. As descrições das pinturas evocam a capacidade humana de criar beleza e significado, em contraposição à brutalidade e à desordem resultante da cegueira.

Saramago, ainda, por meio da citação, ou melhor, da descrição de um quadro, evoca uma imagem. Conforme Cerdeira (2019, p. 40) as imagens “[...] são como a salvaguarda de uma memória coletiva que narrador e leitor ainda podem compartilhar”.



Imagem 1: Van Gogh, *Campo de trigo com corvos*, 1890a

O quadro que a voz desconhecida descreve é, de fato, de Van Gogh. Em cartas trocadas com seu irmão Theo, o artista escreveu: “são imensos trechos de campos de trigo sob céus turbulentos, e fiz com o objetivo de tentar expressar tristeza e solidão extrema”(1890). Sendo uma das últimas obras pintadas por Van Gogh antes de sua morte, é possível interpretá-la como um reflexo de desespero, turbulência emocional e um presságio do fim. No contexto do romance, Saramago adiciona novas camadas de interpretação: o desespero, que beira a loucura, e a finitude da vida fazem parte do cotidiano das personagens. Dessa forma, a “dramaticidade apresentada na pintura e o tema escolhido mostram-se como um presságio da morte de todos os que escutam a descrição do personagem de Saramago, assim como prenunciou a morte do próprio pintor” (REICHMANN, 2022, p. 65).

Além do quadro de Van Gogh, Saramago faz referência, por meio da descrição, a *O Cão* (1820), do espanhol Francisco Goya. Semelhante a *Campo de Trigo com Corvos* (1890a), em que a morte e a solidão são temas centrais, a obra de Goya também retrata o isolamento e o desespero. No entanto, o escritor português acrescenta uma camada de lealdade à interpretação, já que o cão é geralmente considerado o melhor amigo do homem, um símbolo de fidelidade. No contexto do romance, a lealdade é escassa, especialmente com a chegada dos “cegos malvados”. Em um cenário angustiante, esperava-se cooperação, mas o egoísmo

humano prevalece e se reinventa. Os “cegos malvados” usurpam os outros, exigindo que os demais cegos entreguem tudo o que têm de valor em troca de comida. A perversidade atinge seu ápice quando eles impõem que só haveria comida se as mulheres fossem entregues a eles, elevando o caos e o desespero a novos níveis. As mulheres, assim como o cão no quadro de Goya, afundam na lama, caminhando para uma possível morte.



Imagem 2: Francisco Goya, O cão, 1820

Distante das camaratas do hospício e ainda lutando para sobreviver nas ruas imundas, a mulher do médico assume, mais uma vez, a responsabilidade de guiar os cegos. Eles precisam, acima de tudo, de alimento e roupas. A esposa do médico encontra as necessidades básicas em um subsolo de supermercado. Ela atravessa a cidade com sacolas pesadas, exausta e com os seios descobertos sob a chuva, desviando dos cegos andarilhos que seguem o cheiro da comida. Nesse momento, em meio a uma “[...] aura épica [...]” (CERDEIRA, 2019, p. 40), Saramago evoca outra obra icônica da memória ocidental: o emblemático quadro *A Liberdade Guiando o Povo* (1830), de Delacroix.

Estava a chover torrencialmente quando alcançou a rua. Melhor assim, pensou, ofegando, com as pernas a tremer, vai sentir-se menos o cheiro. Alguém tinha deitado a mão ao último farrapo que mal a tapava da cintura para cima, agora ia de peitos descobertos, por eles lustralmente, palavra fina, lhe escorria a água do céu, não era a liberdade guiando o povo, os sacos, felizmente cheios, pesam demasiado para se levar levantados como uma bandeira. (SARAMAGO, 2022, p. 274)

Em uma das passagens mais emblemáticas do romance, o alimento simboliza a liberdade para os famintos, contradizendo, em parte, a própria imagem que o narrador descreve. A mulher do médico, a única que não foi acometida pela cegueira, emerge como a heroína, aquela que saciará a fome daqueles que há tempos não têm acesso a uma alimentação decente. Mesmo que as sacolas estejam

pesadas, elas representam uma bandeira, um símbolo de que ainda é possível sobreviver nesse lugar inominável, onde o caos e a maldade imperam. Ao “colar” novamente o quadro no romance, Saramago transforma a mulher do médico na “[...] nova Marianne [...]” (CERDEIRA, 2019, p. 42), a figura responsável por alimentar, vestir e guiar seu grupo de cegos na desordem do mundo pós-cegueira.



Imagem 3: *A liberdade guiando o povo*, Delacroix, 1830

No romance que se propõe a discutir a maldade e a decadência da condição humana, Saramago corta e cola diversos quadros, colocando-os em um museu no qual, para acessar a exposição, é preciso usar a imaginação. Além disso, é necessário reconhecer que as obras mencionadas neste texto falam, de alguma forma, sobre o ser humano e se conectam, evocando imagens que se entrelaçam ao texto literário em construção. As pinturas de Van Gogh, Goya e Delacroix “[...] se tornaram fundamentais ainda porque resistiram ao tempo, porque escaparam às seleções tantas vezes arbitrárias da moda, mas também das catástrofes naturais, das bombas atômicas e dos incêndios” (CERDEIRA, 2019, p. 59). Em *Ensaio sobre a Cegueira* (2022), a arte cria pequenos elos entre as personagens e a vida que conheciam antes da epidemia leitosa. Participar do jogo do cego anônimo e imaginar essas obras é uma forma de não se render ao modo de vida animalesco do hospício. A narrativa é, de fato, desconfortável; ao longo do romance, testemunhamos o insuportável. Por isso, as obras de arte tornam-se um pequeno alento, tanto para as personagens quanto para o leitor. Na brincadeira infantil de cortar e colar, Saramago provoca um pequeno encanto em meio ao imenso horror.

Referências Bibliográficas:

ASSY, Bethânia. Eichmann, Banalidade do Mal e Pensamento em Hannah Arendt. In: MORAES, Eduardo Jardim de; BIGNOTTO, Newton (org.) **Hannah Arendt, Diálogos, Reflexões e Memórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.p.145.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CERDEIRA, Teresa *et al* (org.). **E agora, José?**. Belo Horizonte: Moinhos, 2019.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DELACROIX, Eugène. **A liberdade guiando o povo**. 1830. 1 original de arte., óleo sobre tela, 260 x 325 cm.

FUKS, Julián. O mundo está todo aqui dentro. In: SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GOYA, Francisco de. **O cão**. 1820. Mural a óleo sobre gesso transferido para uma tela. 131,5 cm x 79,3 cm.

REICHMANN, Brunilda. Imagens Da Cegueira: referências intermediáticas a pinturas no romance Ensaio sobre a cegueira. **Terra Roxa E Outras Terras**: Revista De Estudos Literários, [s./], vol. 41, p. 58-70, fevereiro de 2022.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

VAN GOGH, Vincent. **Campo de trigo com corvos**. 1890a. 1 original de arte, óleo sobre tela, 50,5 x 103 cm.

VAN GOGH, Vincent. [**Carta enviada a seu irmão e sua cunhada**]. Destinatário: Theo van Gogh and Jo van Gogh-Bonger. Auvers-sur-Oise, on or about Thursday, 10 July 1890b. 1 carta pessoal. Transcrição do manuscrito localizado no Van Gogh Museum em Amsterdam. Notas por Leo Jansen, Hans Luijtenand Nienke Bakker. Disponível em: <https://www.vangoghletters.org/vg/letters/let898/letter.html>. Acesso em: 08 Ago. 2024.